

De onde vem e para onde vai o amazofuturismo?

Where Does Amazofuturism Come From and Where Is It Going?

Vítor Castelões Gama¹

Resumo

Este ensaio discute sobre o amazofuturismo, primeiro abordando a definição de Rogério Pietro, hoje, a definição mais completa e, por seu mérito, a mais utilizada. Entretanto, há alguns problemas nessa definição, por exemplo, a tendência ao exotismo. Em contraponto, busco enfatizar a multiplicidade da Amazônia e, para tanto, apresento brevemente uma obra literária que poderia ser analisada como ficção científica (FC) amazônica e servir de compasso para o amazofuturismo: a *Tetralogia Amazônia*, de Benedicto Monteiro.

Palavras-chave: Amazofuturismo; Benedicto Monteiro; João Queiroz; Keoma Calandrini.

Abstract

This essay discusses amazofuturism, first addressing Rogério Pietro's definition, which is the most complete and widely used definition today. However, Pietro's definition of amazofuturism is not free of problems. For example, it tends to emphasize exoticism. As a counterpoint, I seek to emphasize the multiplicity of the Amazon. Thus, I briefly present a literary work that could be analyzed as Amazonian science fiction (SF) narrative, perhaps serving as a compass for amazofuturism: Benedicto Monteiro's Amazonian Tetralogy (*Tetralogia Amazônia*).

Keywords: Amazofuturism; Benedicto Monteiro; João Queiroz; Keoma Calandrini.

¹ Doutorando em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília; Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela mesma instituição. Contato: vitorcasteloesgama@hotmail.com.

O mundo? Aquele quintal
Pulando cercas e ruas
até mergulhar raízes
no raso rio vizinho
(Astrid Cabral, 2005, p. 30)

A Amazônia fica na moldura,
movimento parado tão dinâmico.
Venci a Esfinge, nem a decifrei
nem ela me devorou
(Gilma Limongi Batista, 2007, p. 107)

Quando falo sobre Manaus, a terra onde nasci, muitos perguntam: há bugios nas ruas, já andou de canoa, já viu uma onça? Fica claro, pouco a pouco, as diferentes ideias sobre a Amazônia: ela seria algo além do paraíso terrestre ou do inferno verde? Na minha experiência, o verdume não era uma associação imediata: a Amazônia de um garoto míope não era definida pelo verde das folhas (as copas das árvores eram o espaço da imaginação); era pelo marrom do rio, do barro, dos troncos, dos galhos e das folhas caídas. Levou um certo tempo e distanciamento para que eu reconhecesse e valorizasse os matizes do verde amazônico. Da dissonância restou um enigma: as diferentes conceituações seriam fruto apenas de uma questão de perspectiva ou uma questão de lentes apropriadas?

Uma das forças da Amazônia é a sua multiplicidade: encantados, assombrações, visagens, corporações, OVNIs, marginalização, chupa-chupas etc. Fala-se da região como um lugar cindido entre o moderno e o arcaico, mas não tenho certeza sobre isso. A meu ver, lugares como o polo industrial e os bares do beiradão são falsas antíteses: os CDs produzidos em um chegam no outro e se tornam música e dança. Com isso não pretendo minimizar os conflitos e tensões, mas, reconhecer que as diferenças coexistem e influenciam as maneiras pelas quais a Amazônia é compreendida.

Da multiplicidade, então, torna-se importante entender quais critérios fazem alguns elementos culturais serem privilegiados e legitimam uma obra de ficção científica (FC) como amazônica. Acredito que não há uma única resposta válida para essa questão, pois não há uma “essência” amazônica; há, em vez disso, vários caminhos possíveis. Um deles é o amazofuturismo, movimento criado por João Queiroz² e que hoje vem se consolidando na literatura.

² João Queiroz (@q1r0z) criou o movimento em 2019. Hoje em dia, o subgênero tem sido usado em diversas formas artísticas, especialmente as artes visuais, como na publicidade da Natura Ekos com a Agência África, com João

Breves considerações sobre a Amazônia na ficção científica

De acordo com Ginway (2015), a Amazônia teve um foco maior na FC em dois momentos principais:

- 1) Era Vargas (1930-1945) – obras utópicas, representando “um lugar de aventura, um cenário para histórias cujos acontecimentos imaginativos ignoram a antropologia, história e culturas indígenas da região” (GINWAY, 2015, p. 1);
- 2) Ditadura civil-militar (1964-1985) – obras distópicas, representando “um lugar de violência e desesperança. Não mais um local para um novo começo, agora é visto como um local para processar o trauma da ditadura e representar o inconsciente coletivo do Brasil, onde a violência física e psicológica pode ser discutida” (GINWAY, 2015, p. 6).

O amazofuturismo encontra-se entre a representação utópica do primeiro período (sem partilhar completamente o otimismo) e a representação distópica (de maneira um pouco mais positiva). Isso pode ser percebido na explicação de Queiroz sobre as origens do subgênero:

O objetivo era dar um ar mais daqui, do Pindorama, para a ficção científica; mais especificamente, para o cyberpunk. Nessa época, a temática da minha arte era tão confusa quanto a minha identidade. Assim como você, leitora ou leitor, eu sou daqui. Deste Brasil. Porém, a minha cabeça estava em outro lugar. Logo, a minha arte também se tornou estrangeira. [...] Ela não conhecia mais o cheiro da terra preta, da farinha, do urucum. Ela não conhecia mais a tez da nossa gente. O meu pincel carregava mais tinta branca do que marrom. Por isso, criei um simples retrato de três-quartos de uma moça com feições indígenas e elementos robóticos. Por pura curiosidade e impulso. Logo em seguida, conheci o solarpunk, um movimento que busca pensar em um futuro sustentável para a humanidade. As ideias se casaram. E o amazofuturismo nasceu. (QUEIROZ, 2020, pp. 96-97).

Nas palavras de Queiroz, o amazofuturismo poderia ser uma “neo-cabanagem artística” – um ato de “resistência por todos os meios: políticos, sociais, físicos, simbólicos, sentimentais” (QUEIROZ, 2020, p. 98). Um dos objetivos do subgênero seria contrapor as ideias que destroem a Amazônia. Para tanto, suas obras representariam uma Amazônia independente e harmônica. Isso pode ser observado na ilustração que inaugurou o subgênero:



Figura 1: Amazofuturismo. Fonte: Instagram do artista³.

Chama atenção uma série de oposições visuais: entre o braço esquerdo biomecânico e o lado direito orgânico (o macaco em destaque); entre a pessoa navegando uma piroga (movimento vertical) e o monotrilho no meio da ilustração (movimento horizontal). O rio canalizado e as árvores transformadas em colunas de sustentação implicam em outra lógica social, com uma tecnologia mais harmônica com a natureza. A roupa do personagem em primeiro plano e os detalhes arquitetônicos evocam a arte Kaxinawá (*kene kuin*). Em conjunto, os elementos da ilustração de Queiroz sugerem um tom utópico para a região.

Na literatura, o amazofuturismo ainda está se consolidando. O primeiro romance do subgênero, *Amazofuturismo* (2021), foi escrito por Rogério Pietro, que define o amazofuturismo como

um subgênero da ficção científica que explora as possibilidades tecnológicas indígenas amazônicas. Assim como o afrofuturismo deu vida às interessantes ideias de aldeias africanas mais avançadas do que o mundo ocidental, o amazofuturismo cria um novo olhar sobre as antigas lendas de civilizações avançadas escondidas no coração da selva Amazônica. (PIETRO, 2021a, s/p).

³ Disponível em: <http://www.instagram.com/p/BxN7481F3Tj/>. Acesso em: 13/03/2022.

Para uma obra ser amazofuturista não bastaria seguir a tradição dos “mundos perdidos”⁴; ela precisaria, de acordo com Pietro, “respeitar e se enquadrar em quatro pilares fundamentais”:

PRIMEIRO PILAR. Os indígenas, a etnia ou a tribo representada, seja real ou fictícia, devem ser da selva amazônica. Do contrário não seria amazofuturismo. Obras de arte futuristas sobre tribos de outras localidades podem receber novas denominações.

SEGUNDO PILAR. A tecnologia indígena deve ser inovadora e única. O simples fato de dar aos personagens telefones celulares ou computadores não caracteriza o amazofuturismo. Pelo contrário, o uso de tecnologias tipicamente usadas por outras civilizações seria apenas uma descaracterização da cultura indígena.

TERCEIRO PILAR. Os avanços tecnológicos devem estar em harmonia com o meio ambiente. A sociedade indígena amazofuturista deve ser utópica, voltada para o bem-estar dos habitantes e sempre respeitar a selva e os animais. Se uma sociedade indígena amazônica for retratada com um olhar distópico, em que o meio ambiente e a sociedade foram degradados, então o termo amazofuturismo não pode ser usado. Esse tipo de visão talvez pudesse ser chamado de “amazopunk”, o que não é o objetivo do novo subgênero da ficção científica.

QUARTO PILAR. As histórias devem ser contadas do ponto de vista dos personagens indígenas, e não mais do ponto de vista do personagem explorador/colonizador que se deslumbra ao encontrar uma cidade maravilhosa no seio da selva amazônica. Por outro lado, as histórias amazofuturistas não precisam ter autoria exclusiva de escritores ou roteiristas indígenas. O amazofuturismo vem para unir os povos num ideal estético e conceitual, e não promover a segregação racial. (PIETRO, 2021a, s/p).

Essa definição tem alguns problemas⁵: o primeiro é a visão exótica dos “mundos perdidos” e o segundo é a limitação da complexidade histórica, cultural e ambiental da região. Os pilares parecem sugerir que a região amazônica é composta apenas pela floresta de terra alta, sem considerar as áreas urbanas, os “lavrados”, e as florestas de terra-baixa etc. Então, onde é essa Amazônia? A representação dos povos indígenas como sugerida é questionável: usar um celular e calças jeans não descaracterizaria um povo como indígena⁶. Além disso, haveria um marco

⁴ Como a obra homônima de Arthur Conan Doyle. A noção de cidade perdida na Amazônia foi subvertida em *O fim do terceiro mundo* (1989) de Márcio Souza, obra na qual em vez de sobreviverem dinossauros e povos “selvagens”, sobreviveram na Amazônia os capitalistas selvagens ao estilo da revolução industrial.

⁵ Deve-se levar em conta que as propostas de Pietro são originárias de um manifesto, um texto não acadêmico, a guiar os movimentos do amazofuturismo. Essa característica implica um texto móvel, sujeito a diversas revisões.

⁶ Ademais, se assim o fosse, um povo “europeu” também perderia sua “essência” por usar borracha e seringas, comer chocolate, milho e utilizar uma parcela significativa de remédios. O *curare* é um exemplo de uma tecnologia indígena apropriada pela ciência ocidental e hoje é amplamente utilizada como anestésico. Barbieri (2014, p. 145), baseando-se em estudo de Vandana Shiva, lembra como, de 120 princípios ativos usados na medicina moderna, 75% vieram de sistemas de conhecimento tradicionais e menos de doze foram “sintetizados por modificações químicas simples; o resto é extraído diretamente de plantas e depois purificado”. A autora também expõe vários exemplos de biopirataria com produtos amazônicos e roubo de patentes. Em relação à biopirataria, a empresa Natura (a mesma da campanha com o amazofuturismo) havia sido acusada de utilizar o conhecimento do Jambu para cosméticos, sem a respectiva

temporal? Então, quando é essa Amazônia? Por fim, limitar-se ao “foco” indígena exclui os pontos de vista dos caboclos, quilombolas, da comunidade islâmica, japonesa e judaica — todos agentes importantes na história da Amazônia. Então, quem habita nessa Amazônia?

Apesar disso, a definição é bastante eficiente para os seus propósitos: ela simplifica a Amazônia e permite agregar melhor diversos autores. Os quatro pilares, de acordo com Pietro, foram propostos justamente para evitar uma “Torre de Babel” (PIETRO, 2021d) – em uma região caracterizada pela diversidade linguística.

Por fim, o amazofuturismo precisa ser protegido de tentativas de transformá-lo em um movimento político, o que decretaria a sua total falência conceitual. Tudo o que fugir do conceito estético amazônico na ficção científica não deve ser considerado como representante do novo subgênero, afinal, questões políticas já têm o seu palanque há séculos, e o amazofuturismo não deve ser tomado como um novo palco de interesses partidários sectários, separatistas e ditatoriais, que podem vir a pretender que um gênero da ficção científica sirva para causar ainda mais divisões e discursos de ódio de seres humanos contra outros seres humanos. Toda forma de censura ou licença prévia é errada e criminosa de acordo com as nossas Leis. Logo, os amantes da arte e da ficção científica têm a obrigação de defender a liberdade. (PIETRO, 2021c, p. 6).

Acredito que o autor não esteja se referindo ao termo político em um sentido amplo (a partir do qual quase tudo seria um ato político), nem em sentido restrito (como atuação e organização partidária), mas, que esteja evitando o questionamento do lugar de fala. Meu ensaio não defende que apenas nortistas poderiam fazer obras sobre a Amazônia ou que obras na linha dos “mundos perdidos” seriam inaceitáveis – *Tupinilândia* (2018), do gaúcho Samir Machado de Machado, é um ótimo exemplo com ambas as características – este ensaio, apenas enfatiza a multiplicidade da Amazônia como um caminho legítimo para a FC. As duas ilustrações seguintes de Keoma Calandrini (@srkoema) demonstram algumas possibilidades ao dialogar com a história da região amazônica.

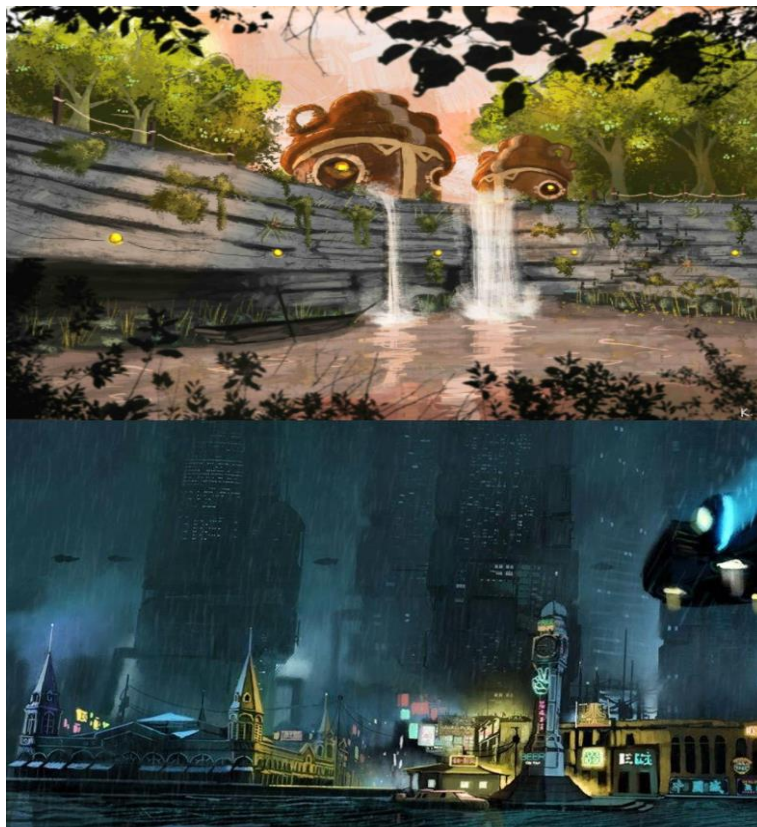


Figura 2: Obras de Keoma Calandrini. Fonte: Instagram do artista⁷.

Daniela Nascimento e Danilo Caetano afirmam, referindo-se à ilustração na metade inferior, que as obras de Calandrini “poderiam representar quaisquer outros lugares, afinal, são idealizações do futuro; e não fossem as espacialidades características da capital paraense [...] sequer poderíamos dizer tratar-se de Belém” (2021, p. 2). A cidade é reconhecida pelo mercado de ferro. Na ilustração, chama atenção, também, os ideogramas, as palavras em inglês (*beer*) e o *hovercraft* (uma adaptação de um veículo fluvial e aéreo). Essa obra, portanto, fornece uma imagem bastante diferente da proposta amazofuturista – mesmo sendo localizada na Amazônia em um tempo futurista. A ilustração na metade superior permite uma interpretação similar. A obra ilustra uma floresta de terra baixa (as árvores são menores e próximas dos rios) e uma lagoa. Dois objetos ou construções servem de âncora ao referencial amazônico, se aparentam a cerâmica marajoara e com vasos tapajônicos. A cerca de corda também implica que a obra poderia ocorrer em um dos lagos artificiais feitos pela cultura marajoara. Enquanto a ilustração não é futurista, ela, entretanto é amazônica.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/31TNtCyXB-/> e <https://www.instagram.com/p/BrF4tjghlI4>. Acesso em: 04/11/2021. As imagens foram cortadas (suas dimensões são bem maiores do que as apresentadas aqui) e coladas (são ilustrações separadas).

Outras obras que estabelecem diálogos com a FC estão na tetralogia *Amazônia*, de Benedicto Monteiro. A tetralogia é composta pelos romances *Verde vago-mundo* (1972), *O minossauro* (1975), *A terceira margem* (1983) e *Aquele Um* (1985). Essas obras são difíceis de classificar e talvez por isso elas sejam valiosos exemplos para discutir os critérios que delimitam uma FC como amazônica.

A Tetralogia Amazônia como FC

As obras de Benedicto Monteiro constroem um universo ficcional, como o próprio autor sugere.

Minha ideia inicial era escrever um romance que, pela própria linguagem, formasse a personagem e refletisse o contexto da realidade amazônica totalmente isolada do contexto histórico, político e social do resto da humanidade. Mas ao iniciar essa experiência, achei que uma obra dessa natureza, naquela época de censura, repressão e violência, podia representar uma fuga dos problemas políticos e sociais que enfrentávamos e da violência particularmente desfechada contra a cultura e a civilização fluvial do homem da Amazônia. (MONTEIRO, 1985, p. 222).

Também fazem parte desse universo ficcional a novela *Como Se Faz Um Guerrilheiro* (1995) e o romance *O homem rio* (2008). Todas as obras acompanham Miguel dos Santos Prazeres, um personagem caboclo que demonstra as diferentes vivências do amazônida.

Eu era mesmo assim, seu Major, não parava. Como hoje, ia numa passagem: amanhã, numa apartação de gado: depois, numa castração de rodeio. Era convidado para cobrir barracão, pra puchirum de matança de jacaré, batição de pirarucú, tarrafição de piracema, e até pra pescaria de tartaruga. De tudo eu gostava de fazer e aprender: derruba de mata, batição de juta, caçada de porco-brabo na mata e de capivara no igapó. (MONTEIRO, 1972, p. 86).

Tânia Sarmiento Pantoja (2002; 2014) já havia analisado os elementos distópicos e a relação das obras com as viagens fantásticas, mas acredito que há pelo menos quatro razões para analisar a obra também como FC. A primeira delas são as relações intertextuais com Arthur C. Clarke (citado diretamente) ou com o gênero literário em geral. Esse motivo já serve como indício de uma forma de leitura desejada pelas obras. O segundo motivo são as incursões em temáticas da ficção científica, como a criação de utopias e distopias. O terceiro motivo são as seções “Radio-transistor” dos dois primeiros romances. Essas seções aproximam a realidade da ficção pelo contexto histórico (ou fictício) inserido na obra. O quarto motivo é a utilização do protagonista

Miguel dos Santos Prazeres como um criador de mundos, incorporando e teorizando um modo de ser amazônico. Portanto, os elementos intertextuais, temáticos, formais e poéticos permitem uma análise frutífera pelas lentes da FC. Aqui pretendo apenas esboçá-los.

O primeiro motivo acredito que não precisa ser explicado. O segundo motivo aparece em toda a tetralogia (especialmente em *Minossauro* e *Aquele Um*) quando são criticados os projetos utópicos dissociados da realidade local – como o Projeto Jari, de Daniel Ludwig, e o lago projetado na década de 1960 pelo Hudson Institute. Esse projeto criaria um lago artificial para unir o Caribe ao Oceano Pacífico. Manaus submergiria para facilitar a extração e escoamento de *commodities*. A tetralogia discute também projetos como o da cidade móvel, baseado “nas palafitas do caboclo das várzeas e nas vitórias-régias, para criar essa fabulosa ideia” (MONTEIRO, 1975, p. 73)⁸.

O terceiro motivo serve para promover o “estranhamento cognitivo”, nos termos de Darko Suvin (2016, p. 15). Isso acontece por meio das seções rádio-transistor, através das quais aforismos, notícias e vinhetas ajudam a conectar a obra com um foco mais universal e a comparar os acontecimentos do resto do livro. Essas seções começaram no primeiro livro e continuaram no segundo livro, mas em outros livros surgem também digressões para discutir assuntos sociopolíticos ou científicos. No romance *O homem-rio* (2008), a seção é usada com o nome “rádio de carro”. Parte da crítica rechaçou tais incursões formais, caso de Giovanni Ricciardi (1992). Entretanto essas seções são um importante recurso para criar um distanciamento e poder discutir as várias ideias sobre a Amazônia.

O quarto motivo centra-se no protagonista Miguel dos Santos Prazeres; esse elemento, mais forte nos últimos livros, toma uma direção insólita quando o protagonista responde aos seus interlocutores, apesar da distância física. O protagonista responde porque encarna uma ideia abstrata, como ressalta um dos narradores.

Por muitos e muitos séculos eu quero que seja contada a tua lenda, assim como Caramuru, Tiradentes, Zumbi, Padre Cícero, Lampião e Ajuricaba. Quero que falem para sempre do Cabra-da-Peste. Nunca agarrado da polícia: virado em gente de mil formas, em vivente de mil caras: virado em bicho, virado em cinza, virado em sombra, virado em árvores. Capaz de muitas lutas e disfarces. (MONTEIRO, 1972, p. 119).

⁸ Na obra o projeto é de um arquiteto anônimo, possivelmente uma referência a Severiano Mário Porto (1930-2020). Seus projetos incorporavam as técnicas e matéria-prima local, um pouco de sua vida e alguns de seus projetos podem ser vistos no artigo de Hespanha (2009).

A ideia servia como negação do discurso hegemônico na época da Amazônia como terra vazia e o povo como incapaz. Esse tipo de discurso foi expresso por Gilberto Freyre quando chamou a Amazônia de um trópico anfíbio, uma perereca a ser fecundada pelos colonizadores, pelas “núpcias entre aparentes contrários: o homem de etnia e cultura europeias como macho procriador. A natureza tropical como fêmea de ventre generosamente gerador quando desvirginada ou penetrada” (2010, p. 191). Para Freyre, o símbolo (fálico) que permitiria essas relações seria a Transamazônica.

Se, como já foi aqui sugerido, a Amazônia representa, no Brasil e, mais do que isto, no mundo moderno, o espaço tropical mais cheio de vazios susceptíveis de serem preenchidos, humana e culturalmente, de modo, ao mesmo tempo, tradicionalmente nacional em seus principais motivos de vida – no caso, o modo brasileiro – e arrojadamente moderno e até pós-moderno em sua tecnologia, estamos diante de perspectivas de um desenvolvimento aliciante, no mesmo espaço, de combinações novas de formas sociais. Ou socioculturais. Sendo o espaço amazônico, dentro do conjunto nacional brasileiro, aquele em que a natureza se apresenta mais sem história, está apto a que sobre ele essa espécie de desenvolvimento se verifique de modo mais livre de excessos de pressão histórica que sobre qualquer outra área brasileira. (FREYRE, 2010, p. 173).

Apesar de também possuir um componente sexual, especialmente na novela mencionada, as obras de Benedicto Monteiro não enfatizam nem a esterilidade nem a fecundidade da Amazônia. Monteiro, ao contrário, enfatiza a história, a criação e a agência do povo amazônico, personificada em Miguel dos Santos Prazeres. Mostra, por meio do protagonista, as diferentes vidas da Amazônia, os diferentes biomas, os diferentes trabalhos, as tecnologias adaptadas às suas vivências. Por fim, pelo diálogo entre as diversas realidades e pontos de vista – do protagonista, do major (primeiro livro), do geólogo (segundo livro), do geógrafo (terceiro livro) e do próprio autor (quarto livro) – a obra reflete e recria a Amazônia. É esse um dos caminhos que eu gostaria de ver trilhado na FC amazônica.

Referências

- BARBIERI, Samia Roges Jordy. *Biopirataria e povos indígenas*. São Paulo: Almedina, 2014.
- BATISTA, Gilma Limongi. *O céu por entre a renda caprichosa das folhas da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 2007.
- CABRAL, Astrid. *Visgo da Terra*. 3a ed. Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas; Edua; UniNorte, 2005.

-
- FREYRE, Gilberto. *Homens, engenharias e rumos sociais*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GINWAY, M. Elizabeth. The Amazon in Brazilian Speculative Fiction: Utopia and Trauma, *Alambique: revista acadêmica de ciencia ficción y fantasía*, Vol. 3, Issue. 1, 2015.
- HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. *Entre o regional e o moderno*. Arqutextos, São Paulo, 105.05, Vitruvius, fev. 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arqutextos/09.105/76>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- MONTEIRO, Benedicto. *Verde vagomundo*. Brasília: EBRASA, 1972.
- _____. *O Minossauro*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.
- _____. *A terceira margem*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- _____. *Aquele um*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; PLG, 1985.
- _____. *Como Se Faz Um Guerrilheiro*: novela. Belém: CEJUP, 1995
- _____. *O Homem Rio*: a saga de Miguel dos Santos Prazeres. Belém: Editora Amazônia, 2008.
- NASCIMENTO, Daniela da Costa; CAETANO, Danilo Miranda. Utopia e Distopia na Belém de Keoma Calandrini. *Revista Iniciacom*, vol. 10, n. 2, 2021.
- PANTOJA, Tânia Sarmiento. A imaginação utópica em *A terceira margem*, de Benedicto Monteiro. *Rev. MOARA*, Belém, n. 18, pp. 159-169. jul/dez, 2002.
- _____. Benedicto Monteiro e Pablo Armando Fernández: por uma poética da cor. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 25, pp. 130-146, 2014.
- PIETRO, Rogério. *A ficção científica ganha o Amazofuturismo*. 2021a. Disponível em: <https://amazofuturismo.com.br/>. Acesso em: 01 nov. 2021
- _____. *O movimento amazofuturista*. 2021b. Disponível em: <https://amazofuturismo.com.br/blog/o-movimento-amazofuturista/>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- _____. *Amazofuturismo*. Santo André: Ed. do Autor, 2021c.
- _____. *Amazônia Viva*. Saifers-BR, 2021d.
- QUEIROZ, João. Acerca do Amazofuturismo. In: *Coletivo Visagem* (org). *Encantarias: histórias de uma Amazônia futurista*. Manaus: Coletivo Visagem, 2020.
- RICCIARDI, Giovanni. *O Verde vagomundo de Benedicto Monteiro*. In: *Signótica*, 4, jan/dez, 1992. pp. 19-25.
- SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: on the poetics and history of a literary genre*. Bern:

Peter Lang, 2016.

APÊNDICE — Levantamento de obras de FC sobre a Amazônia

Legenda: [R] = Romance [P] = Peça teatral [F] = Filme (longa ou curta) [C] = Conto [N] = Novela ou noveleta [H] = HQ [I] = Infanto-juvenil * Obra nas interseções dos diversos gêneros.

- 1842 “The Amazonian Republic, Recently Discovered in the Interior of Peru” – Timothy Savage [R]*
 1852 “The Geral-Milco; or the narrative of a residence in a Brazilian valley in the Sierra-Paricis” – A. R. Middletoun Payne [R]
 1859 “The Air Battle: a vision of the future” – Herrmann Lang [N]
 1868 “Páginas da História do Brasil escrita no ano de 2000” – Joaquim Felício dos Santos [R]*
 1875 “O Doutor Benignus” – Augusto Emílio Zaluar [R]*
 1881 “La Jangada: Huit Cents lieues sur l'Amazone” – Jules Verne [R]*
 1891 “In search of an unknown race” – Frank Converse [N]*
 1896 “Frank Reade Jr.’s Along the Orinico” (Frank Reade n. 130, 1896) – Luis Senarens (N)*
 1896 “The Island in the Air; or, Frank Reade Jr.’s Trip to the Tropics” (Frank Reade Library n. 133, may. 1896) – Luis Senarens [N]*
 1897 “In the world below” (In Golden Hours 1897) – Fred Thorpe [R]
 1897 “The devil tree of El Dorado” – Frank Aubrey [R]
 1901 “The captivity of the professor” (In Blackwood’s Edinburgh Magazine, feb. 1901) – A. Lincoln Green [N]
 1902 “Ophiris; or the Ophir of Solomon: a story of adventure and love in the land of Incas” – Victor Moulder [R]*
 1903 “King of the Dead” – Frank Aubrey [R]
 1904 “Green Mansions” – William H. Hudson [N]*
 1905 “The empire of the ants” (In Strand Magazine dec. 1905) – H. G. Wells [C]
 1905 “The Radium Seekers” – Fenton Ash [R]
 1912 “The Lost World” – Arthur Conan Doyle [R]
 1914 “The Frozen Beauty” (In All-Story, jul. 1914) – Stephen Chalmers (N)
 1916 “O Spaineiki” (A Alvorada, n. 37, oct. 1916) – Paulo Vianna [C]*
 1916 “The Golden City: a tale of adventure in unknown Guiana” – A. Hyatt Verrill [I]
 1916 “The Treasure of Atlantis – J. Allan Dunn [N]
 1919-1929 “Pedro and Lourenço” (Série na Adventure Magazine) – Arthur O. Friel [C]*
 1922 “The Pathless Trail” – Arthur O. Friel [R]
 1922 “The Web of the Sun” – Thomas Sigismund Stribling [R]
 1923 “The Valley of Orchid” – Philip Champion de Crespigny [C]*
 1923 “Sunfire” (In Weird Tales, sep. 1923) – Gertrude Barrows Bennett [N]*
 1924 “The Ark of the Covenant” – Victor McClure [R]
 1925 “The Treasure Vault of Atlantis” – Olof W. Anderson [R]
 1925 “The Valley of Teeheemen”; “The Last of the Teeheeme” (Weird Tales jan. 1925; apr. 1925) – Arthur Thatcher [C]*
 1925 “A Amazônia Misteriosa” – Gastão Cruls [R]
 1925 “Tropen” – Robert Müller [R]
 1926 “The City of Spiders” (In Weird Tales, nov. 1926) – H. Warner Munn [C]

- 1926 “The Music of Madness” (In *Weird Tales* mar. 1926) – William E. Barrett [C]
- 1926 “Morravagine” – Blaise Cendrars [R]*
- 1927 “The Beast of the Yungas” (In *Weird Tales*, sep. 1927) – Willis Knapp Jones [C]*
- 1928 “The Land of the Golden Scarabs” – Diomedez de Arze Pereyra [R]
- 1928 “A Queen of Amazonia” – James W. Jackson [R]
- 1928 “... E Nosso Será o Reino dos Céus! Novelas Brejeiras” – Fernando de Castro [C]*
- 1929 “Beyond the selvas: a vision of a republic that might have been, and still might be” – Frederick T. Fuller [R]
- 1929 “Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2500” – Adalzira Bittencourt [N]*
- 1930 “Mukara: a novel” – Bruce Muriel [R]*
- 1930 “A Filha do Inca” – Menotti del Picchia [R]*
- 1934 “Terra de Icamíaba” – Abguar Bastos [R]*
- 1936 “Kalum” – Menotti del Picchia [N]
- 1937 “Viagem à aurora do mundo” – Érico Veríssimo [R]
- 1938 “Amazonas: romantrilogia” – Alfred Döblin [R]*
- 1938 “The Green Death” (Doc Savage n. 69) – Harold A. Davis [N]
- 1938 “Cummunká” – Menotti del Picchia [R]*
- 1946 “Valley of the flame” (In *Startling Stories*, mar. 1946) – Keith Hammond [Henry Kuttner; C.L. Moore] [R]
- 1947 “The Death Lady” (Doc Savage n. 168) – William G. Bogart [N]
- 1947 “Três meses no século 81” – Jerônimo Monteiro [R]
- 1948 “A cidade perdida” – Jerônimo Monteiro [R]
- 1950 “The enemy had it too” – Upton Sinclair [P]
- 1951-3 Série “Jacaré: the untamed” – Victor G. C. Norwood [R]*
- 1954 “Creature from the black lagoon” – Jack Arnold [F]
- 1955 “The next step in civilization: a star to steer by” – Frederick Creedy [R]
- 1956 “Viagem Interplanetária” – Soares de Faria [R]
- 1956 “Curucu: beast of the Amazon” – Curt Siodmak [F]
- 1957 “Love Slaves of the Amazon” – Curt Siodmak [F]
- 1958 “A Clã perdida dos Incas” – O. B. R. Diamor [R]
- 1961 “Fuga para Parte Alguma” – Jerônimo Monteiro [R]
- 1963 “Os visitantes do espaço” – Jerônimo Monteiro [R]
- 1965 “Greenslaves” (In *Amazing Stories*, v. 39, n. 3, mar. 1965) – Frank Herbert [N]
- 1966 “A Invasão” (In *O Homem que Adivinhava*) – André Carneiro [C]
- 1966 “The Green Brain” – Frank Herbert [R]
- 1970 “Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado” – Samuel Rawet (N)*
- 1970 “The Indoctrinaire” – Christopher Priest [R]
- [197?] “Capitão Piranha” – Renato Ignácio da Silva [R]*
- [197?] “Jazônia”; “A volta do cão”; e “O segredo das gêmeas ruivas” (In *Xarana: viagem ao desconhecido*) – Renato Ignácio da Silva [C]
- 1972 “Verde vago mundo” – Benedicto Monteiro [R]
- 1972 “Sexo e Sangue na Trilha do Tesouro” – José Mojica Marins [F]*
- 1973 [1932] “O Ouro de Manoa” – Jerônimo Monteiro [R] *
- 1973 “The Embedding” – Ian Watson [R]
- 1974 “A Fazenda Modelo” – Chico Buarque [N] *

- 1975 “O Minossauro” – Benedicto Monteiro [R]
- 1975 “Adaptação do Funcionário Ruam” – Mauro Chaves (R)
- 1979 “A cachoeira das eras: a coluna de Clara Sarabanda” – Carlos Emílio Corrêa Lima [R]
- 1980 “A Nova Terra” – Walmir Ayala [N]
- 1981 “Não Verás País Nenhum” – Ignácio Loyola Brandão [R]
- 1981 “River of Death” – Alistair MacLean [R]
- 1981 “Mundo do Silêncio Verde” – Homero Homem [I]
- 1982 “Utopia Selvagem” – Darcy Ribeiro [R]
- 1982 “Miss Ferrovia” – Dolabella Chagas [R]
- 1983 “A Terceira margem” – Benedicto Monteiro [R]
- 1983 “A Ordem do Dia” – Márcio Souza [R]
- 1984 “Os Guardiões de Soterion” – Ganymédes José [I]
- 1985 “Aquele Um” – Benedicto Monteiro [R]
- 1985 “Jacob’s Ladder” (In *Leading Edge*, n. 10) – M. Shayne Bell [N]
- 1986 “A porta do chifre” – Herberto Sales [R]
- 1986 “Nature’s End” – Whitley Strieber; James Kunetka [R]
- 1986 “Speaker for the Dead” (*Ender’s Saga*, n. 2) – Orson Scott Card [R]
- 1986 “Horizonte de Eventos” (Série Padrões de Contato) – Jorge Luiz Calife [R]
- 1986 “A viagem megalotrônica dos dinossauros dourados” – Francisco Carlos [P]*
- 1987 “A caça dos sete reatores nucleares” – Farid Soubhia [N]
- 1988 “Viagem a Andara: o livro invisível” – Vincent Franz Cecim [R]**
- 1988 “Adulthood Rites” (2º livro da trilogia *Xenogenesis*) – Octavia E. Butler [R]
- 1989 “América” (In *The folk of the fringe*) – Orson Scott Card [C]
- 1989 “O Caipora Caipira” – Ivan Carlos Regina [C]
- 1989 “O fim do terceiro mundo” – Márcio Souza [R]
- 1990 “A Árvore” (In *Megalon*, n. 10, mai. 1990) – Roberto de Sousa Causo [C]
- 1990 “Série Papo Amarelo” – Moacir Torres [H]) *
- 1990 “A Mãe do Sonho” – Ivanir Calado [R]*
- 1990 “Through the Arc of the Rainforest” – Karen Tei Yamashita [R]
- 1990 “Operação Thermos Amazônia” – Carlos Araújo [R]
- 1990 “Ua: Brari” – Marcelo Rubens Paiva [R]
- 1991 “Eram os índios astronautas” (In *Megalon*, n. 18, dez. 1991) – Jorge Luiz Calife [C]
- 1991 “An Exaltation of Spiders” (In *Beyond the gate of worlds*) – Chelsea Quinn Yarbro [N]
- 1992 “Vanuza e Rachid” (In *Básico Instinto*) – Fausto Fawcett [C]
- 1992 “Aconteceu em 2092?” (In *Megalon*, n. 20, abr. 1992) – Décio One [C]
- 1993 “Chaff” – Greg Egan [C]
- 1994 “Os Filhos do Rio” – Paulo Condini [R]
- 1995 “Kamikaze L’Amour” – Richard Kadrey [R]
- 1995 “História de Amores e Retribuições” – Roberto de Sousa Causo [C]
- 1995 “O império da Amazônia” – Pedro Cavalcanti [R]
- 1996 “Cradle of Splendor” – Patricia Anthony [R]
- 1997 “Rough Amazon Riders” (In *The Brazuca Review*, n. 1, jan. 1997) – Ataíde Tartari [C]
- 1997 “Ivy-marãen, a terra sem males, ano 2997” – Darcy Ribeiro [C]
- 1997 “Era do Caos” – Carlos Climick; Eliane Bettocchi; Flávio Andrade [RPG]
- 1998 “O Império da Amazônia” – Pedro Cavalcanti [R]

-
- 1998 “A Sabedoria das Águas” (In Estranhos Contatos, org. Roberto de Sousa Causo) – Daniel Munduruku [C]
- 1998 “Pasta Z: O caso Graciela” (In Somnium, 69, 1998) – Roberto de Sousa Causo [C]
- 1999 “O Guerrilheiro” – Reinaldo Chã [R]
- 1999 “Tauacuéra: a cidade desaparecida” – Elson Farias [N]*
- 2000 “Terra Verde” – Roberto de Sousa Causo [N]
- 2000 “O Salvador da Pátria” (In Phantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias Deste e Outros Brasis) – Roberto de Sousa Causo [C]
- 2000 “Boto” (In Phantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias Deste e Outros Brasis) – Daniel Tércio
- 2000 “Kupe-Dyeb” (In Phantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias Deste e Outros Brasis) – Adriana Simon
- 2000 “Primeiro de Abril” (In Phantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias Deste e Outros Brasis) – Roberval Barcellos
- 2000 “The Rift” (In Vanishing Acts) – Paul MacAuley [N]
- 2001 “Status Quo” (In Megalon, n. 60, mar. 2001) – Hidemberg Alves da Frota [C]
- 2001 “Amazon” – Ataíde Tartari [R]
- 2001 “Armagedon na cidade do Pará e a polêmica ressurreição do Engolecobra” – Flávio Nassar [R]
- 2001 “Outros 500” (In Scarium Online) – Antonio Luiz M. C. Costa [C]
- 2002 “O Ditador da Terra do Sol” – João Pinto [C]*
- 2003 “Matintresh” – Salomão Larêdo [R]*
- 2004 “De Cuando en Cuando en Saturnina” – Alison Spedding [R]
- 2004 “A Guerra da Amazônia” – Carlos Bornhofen [N]
- 2004 “A Guerra da Amazônia” – J. C. Croce
- 2004 “Cidade perdida na Amazônia: uma aventura em busca do Coronel Fawcett e do mistério da Atlântica” – Dieter Schiller [N]*
- 2005 “Amazonidarché” – Francisco Alencar Jr [N]*
- 2005 “A Torre de Diaphanus” – Sant’ana Pereira [R]*
- 2005 “Labirinto Digital” – Mario Kuperman [R]
- 2005 “Um Lobisomem na Amazônia” – Ivan Cardoso [F]
- 2005 “Saída de Emergência” (In Intempol) – Hidemberg Alves da Frota [C]
- 2006 “Fanaville” – Carlos Henrique N. Maria [C]
- 2006 “O Conceito Zero” – A. J. Barros [R]
- 2007 “A Ira da Águia” – Humberto Loureiro [R]
- 2008 “Todas as coisas são pequenas” – Daniel Munduruku [N]*
- 2008 “Hierofante” (in Intempol) – Hidemberg Alves da Frota [C]
- 2008 “Amazônia: arquivo das almas” – Paul Fabien (R)
- 2008 “O Par: uma novela amazônica” – Roberto de Sousa Causo [N]
- 2008 “Las Amazonas: poder y gloria” – Ivan Prado Sejas [R]
- 2009 “Espécies Ameaçadas” (In Futuro Presente) – Márcio Souza [C]
- 2009 “Mal do século” (In Overmundo; parte da novela Vistarmada) – Guilherme Kujawski [C]
- 2009 “A Torre Kireru” (In FCdoB - Ficção Científica Brasileira: panorama 2008-2009) – Carlos Abreu [C]
- 2009 “A invenção de Onira” – Sant’ana Pereira [R]
- 2009 “O plano de robida: un voyage extraordinaire” (In Steampunk: Histórias de um Passado Extraordinário) – Roberto de Sousa Causo [N]

- 2009 “Ipanoré Cachoeira, 31 de Julho de 2013” (In Cartas do Fim do Mundo) – Márcio Souza [C]
- 2010 “Amazônia: teatro-música em três partes” – Criação coletiva [P]
- 2010 “Selva Brasil” – Roberto de Sousa Causo [N]
- 2010 “Anauê” (In Assembleia Estelar: histórias de ficção científica política) – Roberval Barcellos [C]
- 2010 “Renacimiento Verde” (In Cosmocápsula n° 3) – Víctor Manuel Valenzuela Real [C]
- 2011 “Auto do anjo que luta com o índio: bufoneria–infernall a partir do poema Muhuraida – ou o triunfo da fé de Henrique João Wilkens” – Francisco Carlos [P]
- 2011 “Harmonia” (In Cidades Indizíveis) – Roberto de Sousa Causo [C]
- 2011 “Tetralogia Jaguar Cibernético” – Francisco Carlos [C]
- 2012 “Favelost: (the book)” – Fausto Fawcett [R]
- 2012 “Amazônia 2050: A Geopolítica da Escassez” – Alécio Faria Jr. [R]
- 2012 “Haxan” (In Brinquedos Mortais) – Braulio Tavares [C]
- 2012 “Kalapalos” (In Passado Imperfeito) – Tibor Moricz [C]
- 2012 “Cobra de Fogo” (In Dieselpunk : arquivos confidenciais de uma bela época) – Sid Castro [C]
- 2012 “Ao perdedor, as baratas” (In Dieselpunk : arquivos confidenciais de uma bela época) – Antonio Luiz M. C. Costa [C]
- 2012 “Vós sois máquinas” – Goulart Gomes [R]
- 2012 “Icamiabas na Amazônia de Pedra” – Otoniel Vieira [F]*
- 2013 “Pelo bem do povo” (In Somnium, n. 106, jul. 2013) – Marcelo Bighetti [C]*
- 2013 “Selección Natural” (In Ebooks Alfa Eridani n. 13) – Jerson Lizaraso [N]
- 2013 “Era uma vez um mundo” (In Solarpunk) – Antonio Luiz M. C. Costa [C]
- 2013 “Sci-fi Punk Projects: volume 1” – Martielo Toledo [H]*
- 2014 “Fantasilhoso” – Franciorlys Viana [C]*
- 2014 “A Cidade Perdida” – Álvaro Cardoso Gomes; Milton M. Azevedo [R]*
- 2014 “Ojos” – Franciorlys Viana [C]
- 2014 “En la selva” (Tiempos Oscuros, n. 2, jun. 2014) – Néstor Toledo [C]
- 2014 “Cinco Bilhões” (Trasgo, n. 2, mar. 2014) – Victor Oliveira de Faria [C]
- 2015 “Pororoça Rave” – Fausto Fawcett [N]
- 2015 “Amazon Roulette” – Coleen M. Gleason [R]
- 2015 “lauaretê” (In Quando a selva sussurra: contos amazônicos) – Virgínia Allan [C]*
- 2016 “Amazon Code” – Nick Thacker [R]
- 2016 “Esquadrão Amazônia” – Allan Yango e Joe Bennett [H]*
- 2016 “Dezoito de Escorpião” – Alexey Dodsworth [R]
- 2016 “Gaia 2030” – Aldefran Melo da Silva [R]
- 2016 “Não Chore” – Luiz Bras [N]*
- 2016 [1994] “Green Days” – Ataíde Tartari [R]
- 2016 “Protocolo: a ordem” – Criação Coletiva [H]
- 2017 “Bifrost” – Marcelo Damonte [N]*
- 2017 “Alfa - A primeira ordem (parte 1 e 2)” – Gian Danton; Márcio Abreu; Vinicius Townsend [H]
- 2017 “As Icamiabas: lenda das Amazonas - Paiz das Pedras Verdes” – Salomão Larêdo [N]
- 2017 “Garfo da Selva” – Fabio Vargas [N]*
- 2017 “In Search of the Lost World” (Série Primordia n. 1) – Greig Beck [R]
- 2017 “Horizonte Vertical” – Ana Beatriz Barbosa Silva e Andréa Duarte [R]*
- 2017 “Vitória Acauã & Dr. Benignus Contra a Maquinaria Infernal: uma aventura do Parthenon místico” (In O Último Gargalo de Gaia) – Enéias Tavares [C]

- 2017 “De Zurique à Amazônia: Sombras do nazismo na floresta” – Jeferson Botelho [R]
- 2017 “Amazônia 22: uma distopia nos trópicos” – Eduardo M. C. [R]
- 2018 “Vera Cruz: sonhos e pesadelos” – Gabriel Billy [R]
- 2018 “Tupinilândia” – Samir Machado de Machado [R]
- 2018 “A lucidez da lenda: um ensaio sobre o futuro” – Raul de Taunay [R]
- 2018 “A missão” – Stefani P. Paludo [R]
- 2018 “Tons de Rosa” (Mafagafo, n. 1) – Fernanda Castro [N]*
- 2018 “Eterna: A Cidade Perdida” (Mafagafo, n. 1) – Roberto de Sousa Causo [N]
- 2018 “Javari” (Mafagafo, n. 2) – Michel Peres [N]
- 2018 “Limbo” – Gabriel Jiménez Emán [R]
- 2018 “Return to the Lost World” (Série Primordia n. 2) – Greig Beck [R]
- 2018 “Pajemancer” (In 2084: mundos cyberpunk) – Mário Bentes [C]
- 2019 “Cidade Luz” (In Teslapunk: tempestades elétricas) – Maurício Coelho [C]
- 2019 “The Lost World: Re-evolution” (Série Primordia n. 3) – Greig Beck [R]
- 2019 “O filho do caipora caipira” – Ivan Carlos Regina [C]
- 2019 “A morte e o meteoro” – Joca Reiners Terron [R]
- 2020 “América Latina 2051” – Luís Cláudio S. Pereira [R]
- 2020 “Icamiabas na cidade amazônia” – Otoniel Vieira [H]
- 2020 “Sistema Amary” (In Tricerata, n. 2, dec. 2020) – Duda Rodrigues [C]*
- 2020 “Colares, 40 anos” (In Terror na Amazônia) – Zinid [C]*
- 2020 “Cabanagem” – Gian Danton [H]*
- 2020 “Atos de Rebelião” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Jefter Haad [C]
- 2020 “Cápsula do tempo” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Leila Plácido [C]
- 2020 “Xapono” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Luiz Andrade [C]
- 2020 “Projeto I.A.R.A” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Jan Santos [C]
- 2020 “Abaré” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Carol Peace [C]
- 2020 “Lendas Esquecidas” (In Encantarias: histórias de uma Amazônia Futurista) – Dante Sabóia [C]
- 2020 “Deseados” (In Espejo Humeante n. 5.5 apr 2020) – Zack Zala [C]
- 2020 “La misión Dzair” (In Visiones Ecuatoriales: antología de ciencia ficción ecuatoriana contemporánea) – Cristián Londoño Proaño [C]*
- 2021 “Amazofuturismo” – Rogério Pietro [R]
- 2021 “Et in Arcadia Ego” (In Cyberpaje 2021) — Fábio Fernandes [C]
- 2021 “Aculturação” – Alexandre Torres [C]
- 2021 “Pandemônyo em Pyndorama Alegrya, Alegrya” (In 2021) – Nelson de Oliveira [C]
- 2021 “Várias histórias” (In Coletivo Açaí Pesado: Distopia Neocaba) – Coletivo Açaí Pesado [H]
- 2021 “Amazônia Viva” – Rogério Pietro [C]
- 2021 “Jedaísmo” (In Somnium, n. 116) – B. B. Jenitez [C]
- 2021 “Pecados Terrestres” (In Somnium, n. 116) – Gerson Lodi-Ribeiro [R]
- 2021 “Orvalho Flamejante” (In Revista Suprassuma n. 1) – Giu Yukari Murakami [C]

Há várias maneiras de delimitar a Amazônia, aqui ela foi considerada na extensão pan-amazônica: Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas, Suriname e Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins). Essa extensão implica diversas lacunas, algumas conscientes, outras inconscientes. A principal lacuna é que várias

das obras que não “falam” explicitamente sobre a Amazônia (mas que são de autores originários da Amazônia) foram excluídas: *Os Luditas* de José Polari (2002); *A torre acima do véu* (2014) de Roberta Spindler e *Amor à longa distância* (2019) de Yueh Fernandes. Neste levantamento eu não incluí poesias e músicas de FC, como as obras do poeta e músico Armando Cesar da Silva Pompermaier – por exemplo, *A semente copulando o planeta*. O levantamento também se refere apenas a obras de ficção científica. Fantasia, horror ou obras fantásticas não foram incluídas (esses gêneros são praticados com maior frequência o que, provavelmente, triplicaria a quantidade de obras citadas). Mesmo assim, casos limítrofes também foram incluídos. Foram incluídas obras em que a Amazônia foi destruída, mas apenas quando a informação era relevante para a narrativa.

Nesse levantamento foram especialmente importantes os trabalhos prévios de Everett Franklin Bleiler, Marcello Simão Branco, Cesar Silva e Sérgio Barcellos Ximenes. Quanto às obras brasileiras eu não consegui ter acesso aos fanzines *Diário de Bordo*, *Warp 9*, *Juvenatrix*, *Hiperespaço*, *Notícias do fim do nada*, *Sigmatau*, parte do *Magazine de Science Fiction*, e algumas das obras indicadas nos anuários feitos por Marcello Simão Branco e Cesar Silva.